

IMPASSE(S) NA CONSTRUÇÃO DE UMA MEMÓRIA

Carlos Eduardo Alves Ferreira*

Resumo: Este trabalho visa apresentar resultado preliminar da pesquisa quem vem sendo realizada junto ao programa de pós graduação *latu senso* em História do Brasil da Universidade Estadual de Santa Cruz. A mesma tem como objetivo entender quais estruturas foram utilizadas e cristalizadas historicamente, a partir do “Encontro Cultural de Laranjeiras”, com o objetivo de lançar a cidade de Laranjeiras – SE, que fica localizada a 23 KM da capital sergipana Aracaju, como “Berço Cultural” desse estado. Laranjeiras é significada atualmente pelo seu potencial arquitetônico, que nos remete ao período colonial, assim como, por suas diversas manifestações culturais que durante esse encontro desfilam por suas ruas. Dessa forma essa pesquisa permeia as estratégias imagético-discursivas utilizadas durante o “Encontro Cultural de Laranjeiras”, afim de projetar esse local (uma cidade), como significante da identidade sergipana.

Palavras-Chave: Encontro Cultural; memória; construção; identidade.

INTRODUÇÃO

Laranjeiras, situada a 23 quilômetros de Aracaju, teve sua colonização iniciada no final do século XVI, após a conquista de Sergipe por Cristóvão de Barros. A presença dos padres jesuítas na região, em fins do século XVII, foi de grande influência para colonização e religiosidade do povo laranjeirense, com a construção de um patrimônio artístico e cultural de grande valor. A mesma foi fundada em 1605 no Vale do Cotinguiba, como povoação da Vila de Nossa Senhora do Socorro. Com a chegada dos jesuítas, em 1701, a vila iniciou seu desenvolvimento, e em 7 de agosto de 1831 tornou-se Vila de Laranjeiras sendo emancipada do município de Socorro em 1848 (NUNES, 2006).

* Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Aluno regular do mestrado em Cultura e Turismo da UESC. Aluno regular da especialização em História do Brasil da UESC. E-mail: carlos_jovemokada@hotmail.com.

O Município de Laranjeiras durante todo o século XIX representou o mais próspero centro da economia açucareira da região do Cotinguiba e um dos maiores municípios produtores de cana-de-açúcar do Estado de Sergipe. Situada à margem do Rio Cotinguiba, o autor Felisbello Freire em sua obra *História de Sergipe*, discorre sobre a criação de Laranjeiras, citando sua ascensão ao posto de Vila e traça uma definição dos seus limites,

Freguesia do S. S. Coração de Jesus de Laranjeiras, foi creada pela lei de 6 de fevereiro de 1835, desmembrada da freguezia de Socorro, pela divisão do termo de Villa. A lei de 24 de fevereiro de 1840 traçou os seguintes limites a esse município: seguirá pelo Rio Sergipe acima (conforme actual demarcação) até a barra do Rio Jacaracica e por este acima até a barra do riacho do Salobro, e daí pelo mesmo riacho até sua nasçença, e desta seguirá sua mesma divisão que actualmente tem o termo. (FREIRE, 1977 p. 339)

A localização geográfica laranjeirense e a abundância de solo massapé em seu território permitiu um grande desenvolvimento agrícola e comercial. Com a expansão da indústria açucareira essa região apresentou um rápido progresso, atraindo a cobiça de muitos imigrantes portugueses que, em consequência da crise econômico-financeira que atingiu Portugal nos fins do século XVIII, se instalaram em terras sergipanas a fim de enriquecerem e ascenderem economicamente.

Por representar um dos grandes centros socioeconômicos de Sergipe, constata-se a existência também de uma enorme variedade de jornais que dissertavam sobre diversos assuntos entre eles as discussões sobre a abolição da escravatura. Como explicita a autora Thétis Nunes (2006, p. 222), “o crescimento das atividades mercantis sergipanas nas primeiras décadas do Segundo Império trouxe consequências positivas para a vida de Laranjeiras, então o principal empório comercial da província. Os jornais e as atividades culturais se multiplicaram registrando-se até 1889”. Desse modo Laranjeiras surge como um dos principais municípios sergipano no século XIX, movido pela fase áurea do ouro branco – a cana-de-açúcar.

Concentrando uma acentuada massa populacional burguesa, além de despontar economicamente, Laranjeiras também vai ser um dos grandes centros de desenvolvimento

cultural, educacional e religioso da província sergipana durante o Império, tanto por sua atuação na produção e no mercado açucareiro, quanto por suas feiras e seus encontros culturais.

O ENCONTRO CULTURAL DE LARANJEIRAS

Tombada pelo Patrimônio Histórico Nacional, Laranjeiras é uma das cidades brasileiras que participa do projeto Cidade Monumenta, que libera recursos federais para restaurar monumentos e revitalizar praças e ruas. A “cidade histórica” de Laranjeiras, como é conhecida, guarda monumentos e prédios históricos, como igrejas construídas no século XVIII. Além de comportar museus e manifestações do povo traduzidas pelos grupos folclóricos.

Cidade de tradições culturais, Laranjeiras atrai todos os anos pessoas de diversas partes, por meio do seu “Encontro Cultural”. Esse evento é tido como um dos mais importantes da cidade que além de enriquecer a cultura traz geração de renda e emprego provisório para o povo local. Sua abertura se dá com o tradicional simpósio, que reúne diversos intelectuais do Brasil, que tem por finalidade discutir o cenário cultural do Estado de Sergipe. A programação do evento em suas diversas edições, conta com apresentações musicais, de grupos folclóricos, debates, mostras, exposições, grupos de trabalho. E ainda, em alguns anos disponibilizou oficinas de reciclagem, percussão, rádio, penteados afro, teatro, pintura em tecido, cordel, dança contemporânea, ioga e outras manifestações. Esse evento tem o incentivo tanto da administração local, quanto do governo do estado, representado através da Secretaria de Estado da Cultura (SECULT).

O Encontro Cultural de Laranjeiras, no ano de 2010, realizou o seu trigésimo quinto encontro, que veio acontecendo de forma ininterrupta desde o ano de 1976. Durante a realização do evento desse ano o simpósio que reúne intelectuais da cultura, não só sergipana, mas nacional e internacional, debateram de forma exaustiva sobre as perspectivas realizadas nos encontros anteriores e de que forma essas projeções se desenrolaram no cenário cultural. É interessante ressaltar que o evento foi realizado no prédio onde funciona um dos campi da Universidade Federal de Sergipe (UFS), o que de acordo com o estudo proposto aqui, vem a

reafirmar a idéia onde o poder exercido pela intelectualidade perpassa a formatação do que é cultura ou não, exercendo sua característica de dominação.

A CULTURA E O DISCURSO

Durante o Encontro Cultural de Laranjeiras, há um grande momento, por meio do simpósio que acontece paralelamente ao encontro, de formatação e troca de experiências para possível formulação e análise dos objetos que são interpretados como caracterizadores da cultura sergipana. Sendo assim busca-se avaliar as prerrogativas existentes, para legitimar tanto o que é “escolhido”, como cultura sergipana, quanto aqueles que pertencem ao grupo definidor do que é cultura ou não.

A cultura tem sido a bastante tempo alvo de pesquisas e embates. A questão cultural encontra-se intrinsecamente ligada ao desenvolvimento intelectual, pois é essa parcela diminuta da sociedade considerada culta, que no curso da história vem apontando, escolhendo, construindo o que é cultural ou não. Essa pesquisa se apóia no conceito de cultura trazido por, Geertz (1989, p. 15),

O conceito de cultura, [...], é essencialmente semiótico. Acreditando, como Marx Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa à procura de significado(1989, p. 15),.

Os intelectuais da história ao fazerem-na constroem verdades (baseados em fontes), mas ao mesmo tempo, deixam à margem disso uma gama de estruturas que se entrelaçam e que talvez sejam tão “dignos”, quanto aquilo que foi escolhido para testemunhar a história, ou seja, tornar-se histórico. O conhecimento histórico dessa forma torna-se, uma invenção de uma cultura particular, num determinado momento, que, embora se mantenha imagetivamente expressa através de monumentos deixados pelo passado, tem que lançar mão da imaginação para imprimir, significado a esses locais (ALBUQUERQUE JR, 2007).

No Brasil, um dos marcos de estudos voltados para o entendimento de que os objetos históricos e, especialmente, os espaços são resultantes de estratégias discursivas, é o trabalho de Albuquerque Jr., que apresenta o Nordeste brasileiro como “uma espacialidade fundada historicamente, originada por uma tradição de pensamento, uma imagística e textos que lhe deram realidade e presença” (1999, pag.124). Para realizar este trabalho arqueológico e genealógico de descobrimento do Nordeste o autor dialoga com um vasto cenário da cultura brasileira, de Luiz Gonzaga a José Lins do Rego; de Ariano Suassuna a Glauber Rocha, com o intuito de trabalhar o tema no sentido da desconstrução foucaultiana dos discursos que deram visibilidade e que tornaram dizível a região nordestina, nos marcos da modernidade, definindo sua identidade, ou impondo seu atraso, como supostamente naturais (ALBUQUERQUE JR., 1999).

O trabalho referido é sem dúvida, uma importante menção teórico-metodológica para pensar sobre a tentativa de lançar o Encontro Cultural de Laranjeiras como referência na idéia de inventar Sergipe como local da tradição nordestina. Autores que são chamados de pós-estruturalistas, a exemplo Michel Foucault, o pensador que ofereceu o método arqueogenealógico, segundo o qual a produção do discurso é controlada, selecionada e redistribuída dentro de uma lógica que busca sua camuflagem (FOUCAULT, 1996), são de grande valia para as reflexões que se pretende aqui.

Esse controle discursivo é feito tanto com o objetivo de limitar os poderes do discurso quanto com a intenção de garantir um controle de seu funcionamento. Entre os procedimentos de controle do discurso se destacaria o “ritual”, que define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam; as “sociedades de discurso”, que conservam ou produzem discursos cuidando para que sua circulação se dê em espaço fechado, sua distribuição siga regras estritas e seus detentores não sejam despossuídos por essa distribuição; e os “grupos doutrinários” e as “apropriações sociais”, os quais promovem uma dupla sujeição: dos sujeitos que falam aos discursos e dos discursos ao grupo dos indivíduos que falam (FOUCAULT, 1996).

Estas referências são fundamentais para pensar como vem se inscrevendo essa tentativa em dar significado a Sergipe como um dos centros da tradição nordestina e, por extensão, como estão tentando engendrar junto ao imaginário dos sergipanos signos que

componham a sua identidade, buscando elementos que seriam possíveis caracterizadores desse povo.

É nesse ínterim, onde a nação perpassa um discurso que busca a afirmação de uma identidade nacional e vive uma situação política controlada por uma ditadura, acompanhada pela regionalização das identidades pertencentes a nação brasileira que nasce o Encontro Cultural de Laranjeiras. Dessa forma busca-se analisar como se dava esse discurso de caracterização do estado sergipano a partir dos símbolos apresentados durante o simpósio realizado no encontro cultural.

CONSTRUINDO IDENTIDADES

É fato a polêmica existente nas discussões acadêmicas quanto a uma identidade sergipana, ou seja, a “sergipanidade”. São latentes os discursos, que buscam a criação de elementos caracterizadores do povo sergipano. Sendo assim, o presente trabalho busca a problematização desse fato, uma vez que Laranjeiras carrega o estigma de “Berço Cultural Sergipano”, e suas manifestações culturais são por vezes ressaltadas nos debates a esse respeito.

Indagando sobre como os sujeitos se articulam à realidade, esta pesquisa também se beneficia da discussão, bastante em voga, sobre a questão das identidades culturais. Essa reflexão, então, busca amparo em Hall (2005), que parte do pressuposto de que as “velhas identidades” culturais estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. Para ele a globalização tem o efeito de contestar e deslocar as identidades centradas e fechadas de uma cultura nacional. Ela tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas, menos fixas, unificadas ou trans-históricas.

A diferença é que elas não são e nunca serão unificadas no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, que pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias “casas” (e não a uma “casa” particular). As pessoas pertencentes a essas culturas híbridas têm sido obrigadas a renunciar ao sonho ou à ambição de redescobrir qualquer tipo de pureza cultural “perdida” ou de absolutismo étnico (HALL,

2005). Elas são irrevogavelmente traduzidas (BHABHA, 1998). Estas referências ajudam, particularmente, a pensar numa provável “negociação” realizada pelo povo sergipano, onde foi necessária a manutenção de um diálogo entre diversas influências culturais que acabaram por lhe dar uma fisionomia múltipla.

Em suma, a identidade se da, pela convivência com no espaço ao qual esta inserido e a identificação que as pessoas tem com os objetos existentes nele. Para Certeau “o espaço é um lugar praticado”. Ele também diferencia neste mesmo sentido os mapas e os percursos, onde o primeiro segue o modelo e o segundo depende do individuo que o executa, estando portanto em movimento. O primeiro é um conhecimento dos lugares e o segundo é uma ação especializante. Neste sentido as demarcações são colocadas por ele como “fundamentais” para a distribuição dos espaços. São fronteiras estabelecidas por elas, sendo sensíveis e não fixas (CERTEAU, 1995). E são esses objetos escolhidos como identificadores da cultura, que quando relacionados com as pessoas pertencentes a esses espaços que iram se caracterizar enquanto símbolos.

Quando pensamos nos objetos “identidade e memória” e nos discursos que os permeiam, é procurando encaminhar um estudo que nos permita ver as relações existentes entre as idéias daquilo que seria intitulado enquanto “cultura laranjeirense” e “cultura popular nordestina”, tomando como pretexto de diálogo os estudos realizados a esse respeito. Acreditamos que a partir desta equação será possível entender as razões pelas quais se construiu, historicamente, a noção de que a “cultura laranjeirense” conseqüentemente “cultura sergipana” tem especificidades em relação as demais identidades que alicerçam a “cultura brasileira”.

CONSIDERAÇÕES

O propósito de se fazer tal pesquisa tomou inspiração ao se participar recentemente entre os dias 07 e 08 de janeiro do corrente ano do Simpósio que acontece todos os anos em Laranjeiras – SE, durante o encontro, onde se teve a oportunidade de presenciar debates efervescentes sobre cultura popular, com a presença de diversos intelectuais, de renome nacional e internacional. Em uma de suas mesas redondas o debate se deu sobre a construção histórica desse evento, analisando seus antigos propósitos, avaliando suas conquistas, e

apontando metas. Mais instigado ficou ao observar que os idealizadores do I Encontro Cultural de Laranjeiras, em sua grande maioria, estavam ali sentados naquele auditório se fazendo presente nos debates, e que alguns deles, aquela época já faziam parte do meio político e intelectual do estado e de Laranjeiras, e que os mesmos perduram até os dias atuais.

A atual prefeita da cidade, apresentou documento onde o nome dela junto com outros, esta no folheto entregue no primeiro encontro, ocupando o lugar de organizadora do evento, e aquele momento ela era a primeira dama da cidade, ou seja, a esposa do prefeito. Essa equação de informações ganhou maior impulso ao cruzarmos tais informações com bibliografias que apresentam o início de tal evento para o ano de 1976 (DANTAS,2004), enquanto tal documento apresentado nesses debates (ressaltamos que um deles esta sobre nossa posse, após doação da prefeita), aponta seu início para 1973.

Essa situação causou um impasse, o qual deu origem a esse artigo, onde observa-se a reivindicação de direito quanto a instituição do encontro cultural. No entanto o que mais chama atenção, não é a data em que teve início o encontro, mas quais os interesses em receber o título de fundador(es), desse evento? Quais poderes são instituídos a essa diminuta parcela da sociedade para apontar quais aspectos são culturais ou não? Essa pesquisa procura não responder se essas atitudes são corretas ou não, mas sim buscar entender como se deu historicamente essa projeção e disputas das diversas formas de poder que buscam seu espaço de controle por meio das manifestações culturais.

A especulação que se faz aqui sobre a cidade e suas utilizações através das relações sociais, esta embasada em observação realizada quanto à escolha de alguns espaços, deixando a margem outros que também tem forte manifestação de cultura, tanto material quanto imaterial. Sendo assim, porque foi dado preferência a alguns locais, em detrimento de outros? Já quanto aos símbolos formatados como caracterizadores da cultura laranjeirense, o que se quer é avaliar se realmente conseguem englobar a cultura sergipana, e se também foi dado prioridade a alguns relegando a margem os demais.

Salienta-se que no momento em que esse trabalho foi escrito ainda não chegamos às conclusões pretendidas acima, pois essa pesquisa esta em andamento e não queremos cair no erro de fazer colocações precipitadas. Por isso nos detemos em explicitar o impasse acontecido e apresentar possíveis razões para esse acontecimento. No entanto pretende-se ao

passo que forem sendo clareadas tais indagações através da análise dos documentos pertencentes a essa pesquisa, continuarmos apresentando os resultados até o seu final.

REFERÊNCIAL BIBLIOGRÁFICO

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Editora Cortez, 1999.

_____. **História: a arte de inventar o passado - Ensaios de teoria da história**. Baurú: EDUSC, 2007.

BHABA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Campinas: Papyrus, 1995.

DANTAS, Ibarê. **História de Sergipe: República (1889-2000)**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do discurso**. São Paulo. Edições Loyola. 1996

_____. **A arqueologia do saber. 2ª ed.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

FREIRE, Felisbelo. **História de Sergipe**, Petrópolis, Vozes / Aracaju, Governo de Estado de Sergipe, 1977.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos (orgs.). **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença.** / Trad. Semíramis Gorini da Veiga – Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

NUNES, Maria Thétis. **Sergipe Provincial II (1840-1889).** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2006.